

dos Santos Ferreira, Claudia; Luz, Madel Therezinha
Shen: categoria estruturante da racionalidade médica chinesa
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 14, núm. 3, julio-septiembre, 2007, pp. 863-875
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138015010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Shen: categoria estruturante da racionalidade médica chinesa

Shen: structuring category in the rationale of Chinese medical

Claudia dos Santos Ferreira

Mestre em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Av. Ataulfo de Paiva, 135, sl. 1217 – Leblon
22440-901 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
cldferreira@terra.com.br

Madel Therezinha Luz

Instituto de Medicina Social Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Praia do Flamengo, 98/1111 – Flamengo
22210-030 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
madelluz@superig.com.br

FERREIRA, Claudia dos Santos; LUZ, Madel Therezinha. Shen: categoria estruturante da racionalidade médica chinesa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.863-875, jul.-set. 2007.

A medicina chinesa é hoje praticada no Ocidente e na própria China através das vertentes denominadas medicina clássica chinesa, medicina tradicional chinesa e medicina chinesa contemporânea, que divergem parcialmente em relação à valorização dada a algumas de suas categorias, entre elas a categoria Shen, freqüentemente traduzida no Ocidente como mente ou espirito. O presente artigo pretende estudar a medicina chinesa diante do conceito de racionalidade médica, definido pela presença de seis dimensões: cosmologia, dinâmica vital, doutrina médica, diagnose e terapêutica. Pretende, ainda, demonstrar a importância da categoria Shen em cada uma dessas dimensões, o que a faz estruturante da medicina chinesa como racionalidade médica. Sob tal perspectiva, a não valorização desta categoria poderia comprometer a medicina chinesa, transformando essa teoria milenar em mera prática terapêutica.

PALAVRAS-CHAVE: racionalidade médica; medicina chinesa; medicina complementar, categoria Shen.

FERREIRA, Claudia dos Santos; LUZ, Madel Therezinha. Shen: structuring category in the rationale of Chinese medical. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.863-875, July.-Sept. 2007.

Today, Chinese medicine is practiced in the West and in China itself by means of classical Chinese medicine, traditional Chinese medicine, and contemporary Chinese medicine, which mainly diverge in the value given to some of their categories, including Shen, which is often translated in the West as 'mind' or 'spirit'. This article seeks to discuss Chinese medicine from the perspective of medical rationale, defined by the presence of six dimensions: cosmology, vital dynamics, medical doctrine, diagnosis and treatment. It also attempts to demonstrate the importance of Shen in each of these dimensions, making it an element that structures Chinese medicine as a medical rationale. Seen from this angle, the diminishment of this category could compromise Chinese medicine, turning this age-old theory into no more than a treatment.

KEYWORDS: medical rationale; Chinese medicine; complementary medicine; Shen.

As mudanças recentes na esfera econômica mundial, que originaram desigualdade e exclusão sociais crescentes, e o pouco investimento público em políticas sociais eficazes, por parte dos governos locais, regionais e nacional e dos organismos internacionais, alicerçam o fenômeno que Luz (2003, p.39) denominou “crise na saúde”, como expressão de uma crise sanitária ilustrada por índices de desnutrição, aumento progressivo de doenças crônico degenerativas, novas epidemias e ressurgimento de endemias, além de outras patologias ‘subjetivas’ como síndromes de mal-estar, ansiedade, problemas músculo-esqueléticos, depressão, entre muitos outros cujas vítimas lotam os serviços ambulatoriais de saúde.

Esse quadro tem repercussões na medicina e abriu espaços de incorporação institucional de outros sistemas médicos, as práticas ou medicinas ‘complementares’ como homeopatia, medicina chinesa, medicina ayurvédica e antroposofia, com crescente aceitação da população, não só por sua eficiência nos serviços, mas também por características específicas de sua prática, entre elas a atenção e escuta aos pacientes e a terapêutica individualizada, traços paradigmáticos dessas racionalidades em medicina, que colocam o sujeito doente no centro da atividade médica, resgatando assim a arte de curar.

Nesse contexto de discussão pretendemos destacar a medicina chinesa, contribuindo para o debate das racionalidades médicas na cultura contemporânea e enfatizando não apenas o papel dessa medicina no quadro da busca de cuidado da sociedade atual, mas também a necessidade de ressignificação de certos sentidos atribuídos à vida e à saúde. A medicina chinesa será entendida aqui como uma racionalidade médica (Luz, 2000), através de uma de suas categorias estruturantes, a categoria Shen.

A medicina chinesa se expressa, no mundo atual, em três vertentes: medicina clássica chinesa, medicina tradicional chinesa e medicina chinesa contemporânea. Por medicina clássica chinesa entendemos as formulações das obras clássicas, surgidas a partir do período de formação da medicina chinesa, na dinastia Han (206 a.C. a 221) e que, até hoje, influenciam o ensino e prática dessa racionalidade em muitas escolas no mundo. Por medicina tradicional chinesa entendemos a teoria e prática da medicina chinesa disseminada no Oriente e no Ocidente. Pode-se dizer que ela é uma continuidade da medicina clássica chinesa, embora com novas formulações que, no entanto, não des caracterizaram totalmente a primeira vertente. Já a expressão medicina chinesa contemporânea refere-se à corrente hoje hegemônica na República Popular da China, surgida a partir da sistematização e unificação da medicina tradicional chinesa proposta por Mao Tsé-tung e praticada naquele país, mais tarde estendendo-se aos meios ocidentais. Essa vertente busca sua legitimação pela ciência ocidental, desvalorizando, com isso, alguns conceitos e práticas tradicionais da medicina chinesa.

A esse respeito, Unschuld (1998), principal autor em história da medicina chinesa, afirma que as diferentes manifestações atuais dessa medicina na China, no Japão e em outros países asiáticos distanciam-se da realidade histórica anterior ao século XX. E acrescenta que a medicina chinesa hoje praticada na China é como uma “árvore que perdeu suas raízes” (p.85).

Frente às diferentes formas de expressão da medicina chinesa no Ocidente, e na própria China, cabe investigar como vêm sendo utilizadas categorias fundamentais de sua teoria, entre elas a categoria Shen. Frequentemente traduzida como ‘espírito’ ou ‘mente’, sabe-se que ela apresenta diferentes interpretações, conforme a abordagem de cada uma das vertentes da medicina chinesa. Na medicina clássica chinesa teria papel fundamental nas concepções de origem do universo e da vida. Na medicina chinesa contemporânea teria suas funções ligadas à neurologia, psiquiatria e psicologia, conforme entendidas pela medicina científica do Ocidente e não pelo pensamento chinês, o que poderia deformar seu entendimento teórico e aplicabilidade terapêutica.

Deve-se considerar as particularidades do pensamento chinês, ao analisar categorias de sua medicina. Os sentidos e significados de cada parte do discurso no pensamento chinês só se tornam claros em sua inserção no todo. O significado de uma categoria é dado pela evocação de outras categorias, que vão se ressignificando por meio da associação entre elas. Granet (1997, p.34) diz que o pensamento chinês se caracteriza pelo uso de símbolos que registram idéias diretrizes para ordenar o pensamento. Este conceito permeia diferentes áreas, entre elas a descrição de categorias que só podem ser entendidas em associação com outras. As definições únicas e unívocas de termos, como disseminadas no Ocidente, não são possíveis no pensamento chinês. Um bom exemplo é a língua e a escrita chinesas, figurativas, em que as palavras não correspondem a conceitos ou signos simples, mas sim a símbolos ricos em sugestões práticas.

Racionalidades médicas e medicina chinesa

A linha de pesquisa Racionalidades Médicas, desenvolvida no Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) desde 1991, caracteriza-se pelo estudo comparativo teórico e prático de rationalidades médicas tais como a biomedicina (medicina científica ou medicina ocidental contemporânea), a homeopatia, a medicina chinesa, a medicina ayurvédica e, mais recentemente, a antroposofia.

O conceito de rationalidade médica desenvolvido por Luz, inspirado nos ‘tipos ideais’ de Max Weber (Luz, 2000, p.181), estabelece que uma rationalidade médica caracteriza-se pela presença de

seis dimensões fundamentais, sendo quatro delas estruturantes – morfologia, dinâmica vital, sistema de diagnose e sistema de terapêutica – e duas explicativas da racionalidade – doutrina médica e cosmologia. Segundo Luz (p.183), todas elas são aplicáveis numa “construção lógica e empiricamente verificável, de acordo com procedimentos racionais sistemáticos, na intervenção ao alívio do adoecimento humano”. As racionalidades médicas são descritas como sistemas médicos complexos, com raízes em sociedades igualmente complexas e altamente diferenciadas do ponto de vista cultural. Luz chama a atenção, ainda, para a possibilidade de coexistência de diferentes racionalidades médicas numa sociedade e adverte quanto ao sincretismo destas, no que concerne tanto à prática terapêutica quanto à demanda de pacientes, o que dissolve as fronteiras de significados próprios de cada racionalidade, que se reestruturam constantemente nas sociedades complexas atuais (p.183).

Entre as seis dimensões da racionalidade médica, destaca-se a cosmologia, complexa elaboração teórica com raízes filosóficas na qual todo sistema médico complexo se enraíza e que impregna todas as outras dimensões, delineando seus pressupostos, valores e sua visão de mundo. Orienta a forma de pensar dos diferentes sistemas médicos e pode colocar outras dimensões sob seu comando, “determinando, em grande parte, não apenas a arte médica, isto é, a prática terapêutica, mas também a ciência médica, isto é, a acumulação de conhecimentos concernentes ao conjunto das dimensões” (Luz, 2000, p.185). Podemos citar, como exemplo, as correntes da física newtoniana, a influenciar a medicina ocidental contemporânea e a filosofia daoísta na medicina clássica chinesa.

A categoria Shen nas dimensões da racionalidade médica chinesa

Shen na cosmologia



Segundo Wilder e Ingram (1974, p.79), a parte esquerda do ideo-gramma Shen corresponde ao radical Shi, apresentado na figura sob forma contraída. Na sua forma original o radical significa ‘revelar’, sendo utilizado para denotar coisas espirituais. Os dois traços na parte superior simbolizam a dualidade, Tian (Céu) acima de Di (Terra). Os três traços da parte inferior representam o sol, a lua e as estrelas, ou os sinais vindos do céu reveladores de coisas transcedentais para os homens. A parte direita significa ‘estender’, ‘esticar’, ‘explicar’. Vêem-se, nas inscrições primitivas, duas mãos puxando uma corda, dando a idéia de expansão ou mesmo de trazer Tian para Di. A combinação das duas partes seria provavelmente fonética, mas a idéia de algum deus poderia ter conexão com um incremento ou uma extensão de revelações espirituais.

¹ Segundo Barsted (2003, p.214-215), Yin-Yang podem ser vistos como “aspectos contraditórios e interdependentes compondo uma interação dialética, existiriam em todas as coisas, em todos os processos, em todas as transformações, tanto no foco microcosmo, como no macrocosmo. Mas Ying-Yang não pode ser circunscrito. Numa descrição cuja linguagem lembra o mecanicismo, poder-se-ia dizer que, neste pensamento, todos os processos seriam descritos numa dialética Yin-Yang, a qual seria vista manifestando-se como motor do referido processo, estando esta dialética também presente em todos os demais processos envolvidos e nos quais poderia ser desdobrada. Esta visão estaria presente na doutrina médica, na dinâmica vital, na morfologia, no sistema de diagnóstico e nas práticas terapêuticas da medicina clássica chinesa. Não haveria possibilidade, neste pensamento, de recortes isolando partes do corpo. Tudo estaria integrado e em interação contínua”. O autor lembra ainda que essas categorias complementares são relativas e não absolutas; o que é Yang numa fase de um processo pode ser Yin em outra.

Com a interpretação do ideograma de Shen é possível perceber suas relações com a cosmologia, pela presença das categorias Tian, Di e a criação do universo. Percebe-se, ainda, a relação de Shen com o discurso de outras categorias da medicina clássica chinesa, como a de Yin-Yang, referente à dualidade.¹

De acordo com Jarret (2000, p.49), na cosmologia, sob influência da filosofia daoísta, Shen seria visto como uma força criadora, o brilho de Tian que possibilita a organização da vida. O autor faz uma analogia da interação entre Tian e Di e a função de Shen, comparando-a a uma tempestade elétrica, na qual Tian estende-se ao redor de Di num relâmpago. Etimologicamente, Shen relacionar-se-ia a um ideograma que denota iluminação (p.50). Parece que Shen estaria, portanto, vinculado ao surgimento da vida, manifestando-se no universo e no homem. Pode ser visto como algo que dá a possibilidade do imaterial alcançar forma, crescimento, desenvolvimento e desaparecimento.

Para Eyssalet (2003, p.171), no nível humano Shen estaria presente desde a concepção do indivíduo, no encontro de células reprodutivas, no desenvolvimento embrionário, no crescimento da criança, em suas descobertas, possibilidades de interação com o mundo, sua evolução e morte, direcionando todos esses momentos.

No discurso cosmológico daoísta, Shen é sempre atrelado a outras categorias, como Jing e Qi, com quem forma a tríade chamada San Bao (Três Tesouros). Jing manifesta-se sob a ação de Shen. São categorias interdependentes, muitas vezes denominadas Shen-Jing: Shen viabiliza e dirige o processo que vai dar origem à forma, cujo substrato é dado por Jing. Para Jarret (2000, p.27), o sentido de Tian seria dado por um Shen que imprimiria em nosso Jing, no momento da concepção, uma espécie de ‘marca registrada’, concedendo-nos nossa constituição e destino. A partir daí, então, nasceria nosso Shen pessoal. Essa representação estaria associada ao conceito de Xiantian (Céu Anterior). Quanto ao conceito Qi, Eyssalet (2003, p.268) afirma que não há definição possível para ele, já que as circunstâncias às quais se aplica são incontáveis. Qi pode ser entendido como o movimento, o dinamismo da própria vida e como a representação da vida; tudo que é vivo tem Qi.

Shen se manifestaria, portanto, através de Jing e Qi, sendo o primeiro a matéria-prima; o segundo, o movimento, o agente de transmissão e de transformação; e Shen, a morada central e criadora que engloba e transborda os dois primeiros (Eyssalet, 2003, p.293).

Vale destacar, também, uma categoria ausente nos textos representativos da medicina chinesa contemporânea, mas freqüente nos textos daoístas e que pode contribuir para a compreensão de Shen no contexto cosmológico e no contexto humano. Trata-se de Ling, uma espécie de complemento de Shen, que seria a capacidade de concretizar as influências a que este é exposto, uma representação

microcósrica de Dao, um puro potencial. No nível humano, segundo Jarret (2000, p.54), Ling aumentaria a habilidade de manifestar nosso potencial profundo no mundo. O autor fala, ainda, da relação de Ling e Jing. Ling seria o potencial de Jing transformado internamente sob ação de Shen; seria nosso poder individual de evocar o desejo de Tian, a se manifestar de forma a cumprir nosso destino (Ming).²

² Segundo Jarret (2000, p.31), “o uso do termo Ming como ‘destino’ faz parte da concepção de Tian-Ming, ou ‘mandato do Céu’, como utilizado no Shu Jing (Livro de Documentos)”. Ming seria um mandato, único para cada indivíduo, enviado de Tian (Céu), com uma missão para cada um de nós desempenhar na vida. O desafio seria mantermo-nos sempre em contato com nosso Ming. “Ming seria a fonte do poder e autoridade de cada um na vida” (p.31).

Shen seria uma espécie de força diretiva, mas que precisaria de Jing, Qi e Ling para se manifestar. Estes, por sua vez, não existiriam sem aquele. Jing daria forma às intenções de Shen, Qi daria dinamismo às intenções de Shen e à forma de Shen, representada por Jing. Ling seria uma espécie de *upgrade* da existência humana, manifestando-se segundo as intenções de Shen, mas com possibilidade de interferência no universo externo, como se ao longo da existência pudesse renovar a qualidade de Shen, tornando-o mais capaz de dirigir nossa existência a partir de nossas experiências e vivências no mundo.

Shen na dinâmica vital

A dimensão dinâmica vital compara-se à fisiologia humana na medicina ocidental contemporânea. As rationalidades orientais – medicina chinesa e medicina ayurvédica – e também a homeopatia partilham todas do paradigma vitalista. Neste paradigma “a presença da vida entendida como movimento, por um lado, e como energia, ou força, ou sopro, por outro fazem dessas medicinas sistemas de análise do dinamismo vital humano, tanto no que concerne ao estado de saúde como do adoecimento dos indivíduos ... De fato, o vitalismo pode ser reconhecido na categoria ‘energia vital’ da fisiologia da homeopatia, ou na categoria Qi da fisiologia da medicina chinesa. É o comprometimento do vitalismo que determinará os processos de desequilíbrio que ocorrem no corpo, desencadeando o adoecimento” (Luz, 2000, p.195).

Na medicina ocidental contemporânea, o conceito de dinâmica vital é diverso e abarca, segundo Camargo Jr. (1995, p.129, 137), “a fisiologia, a fisiopatologia, a bioquímica, e possivelmente a genética, disciplinas que, dentro do campo médico, são as mais diretamente relacionadas com o método experimental”. Acrescenta o autor que a visão de funcionamento orgânico que dele emerge é fortemente ligada à teoria de sistemas.³

É possível perceber, portanto, uma distinção central entre a dinâmica vital das rationalidades vitalistas e a medicina ocidental contemporânea: as primeiras focalizam sua atenção na saúde, e nelas o funcionamento corporal é visto de forma global; na segunda, o foco está na doença, e o funcionamento corporal é visto de forma compartmentada, pela disfunção de diferentes sistemas. Esta

³ Segundo o autor esses sistemas seriam: nervoso, cardiovascular, respiratório, digestivo, endócrino, retículo-endothelial, imunológico, gênito-urinário e músculo-esquelético.

reflexão é pertinente porque, ao distinguir o conceito de doença na medicina chinesa tradicional e clássica daquele vigente na medicina ocidental contemporânea, lança um alerta para as tentativas de fusão de conceitos que vêm sendo praticadas pela medicina chinesa contemporânea.

Na dinâmica vital da medicina tradicional chinesa, a categoria Shen pode ser vista como atuante nos processos fisiológicos, interferindo diretamente no funcionamento orgânico – por meio de funções específicas, a exemplo de sua atuação sobre o ciclo vital – e indiretamente – através, por exemplo, de sua função de regente das emoções. Estas cumprem papel tão importante quanto as funções corporais mais objetivas, pois cada órgão e víscera teriam, além de suas funções ligadas ao substrato anátomo-funcional, uma ‘função’ emocional que interferiria no anátomo-funcional, que, em contrapartida, também interferiria na emoção. Como Fei (Pulmão), que tem ação sobre a tristeza, a qual age sobre a função respiratória, que age sobre a tristeza, uma e outra função retroalimentando-se ou consumindo-se indefinidamente.

Maciocia (1996a, p.201) assim se refere a Shen: “É o mais sutil e não substancial tipo de Qi ... Acredito que ‘Mente’ é uma tradução mais precisa para SHEN; o que no Ocidente chamaríamos de ‘espírito’, trata-se do complexo de todos os cinco aspectos mentais e espirituais do ser humano, isto é, Alma Etérea (HUN), Alma Corpórea (PO), Inteligência (YI), Força de Vontade (ZHI) e Mente (SHEN)”. Portanto, Hun, Po, Yi e Zhi seriam aspectos ou manifestações de Shen, todos ligados à fisiologia corporal e determinantes do equilíbrio e estado de saúde, cada um relacionando-se com um Zang-Fu: Hun com Gan (Fígado), Po com Fei (Pulmão), Yi com Pi (Baço), e Zhi com Shen (Rim). O autor divide a categoria Shen no que traduz como mente e espírito. Ocorre que não se encontra tal divisão na concepção de Shen para a medicina clássica chinesa nem para a medicina tradicional chinesa, e qualquer tentativa de divisão poderia comprometer o seu entendimento.

Para Kaptchuk (1983, p.58), Shen “é a capacidade da existência humana de ser um iniciante, um participante e um guardião do universo. É também o que permite aos humanos inserir ou intrometer seu autêntico self em sua vida mundana e serem participantes em moldar seu destino”. A definição difere bastante daquela concebida por Maciocia. Kaptchuk não restringe Shen aos limites do corpo físico; adverte que a discussão não tem qualquer relação com crenças religiosas e ressalta que o importante é como a medicina chinesa buscou integrar os aspectos não físicos da pessoa na discussão sobre saúde e doença (p.59).

Shen na morfologia

No âmbito das rationalidades orientais, a dimensão morfologia associa-se com a dimensão dinâmica vital. Porkert (1974, p.xiv) afirma que, na medicina chinesa, cada órgão é definido não por suas propriedades físicas, mas sim “por seu papel específico no processamento, estocagem e distribuição da energia vital, o que tem importante papel na manutenção da vida”. Acrescenta, ainda, que anatomia, para essa rationalidade, é uma “combinação dinâmica de sistemas funcionais”. Maciocia (1996b, p.89) defende que, no estudo da medicina chinesa, “é melhor livrar-se do conceito ocidental dos órgãos internos”. Explica que a medicina ocidental vê os órgãos do ponto de vista anátomo-material, ao passo que a medicina chinesa “os analisa como um sistema complexo, incluindo o aspecto anatômico e sua emoção, tecidos, órgãos dos sentidos, atividades mentais, cor, clima e demais correspondências”. Vemos, portanto, que a importância dada às interações entre as diferentes categorias, que só assim ganham sentido, é uma característica marcante do pensamento chinês. A anatomia na medicina chinesa só pode ser entendida sob a forma de interação funcional entre os órgãos, conforme abordado por Porkert e Maciocia.

Aspectos pelos quais Shen pode estruturar a dimensão Morfologia:

- Por não existir, na rationalidade médica chinesa, uma dicotomia entre mente e corpo. O fato de Shen estar relacionado às emoções e estas às funções anátomo-funcionais daria a Shen uma interação dinâmica, com a morfologia.
- Os quatro aspectos de Shen – Hun, Po, Yi e Zhi – se manifestariam e relacionariam estrutural e funcionalmente com cada um dos órgãos internos, Gan (Fígado), Fei (Pulmão), Pi (Baço) e Shen (Rim).
- As relações de Shen com Jing, que no discurso daoísta determinam a forma, conforme abordado ao tratarmos da dimensão cosmologia;
- Segundo Yamamura e Tabosa (2000, p.19), Shen teria uma rede de meridianos por onde circulariam os meridianos divergentes ou distintos pelo corpo, conforme mencionaremos adiante, ao tratarmos da dimensão terapêutica.

Shen na doutrina médica

A doutrina médica refere-se ao conceito de doença, suas causas, evolução e cura. A medicina chinesa caracteriza-se por uma multiplicidade de representações do que o Ocidente denomina ‘doença’ e ‘cura’, e ao longo de sua história convivem antigas e novas representações.⁴

⁴ A ‘medicina dos demônios’ e a ‘medicina das correspondências sistemáticas’ são exemplos dessas representações; ver Unschuld (1985, p.45).

A 'doença' é vista como desequilíbrio ou desarmonia. Diferentemente da medicina ocidental contemporânea, que parte de uma queixa do indivíduo para categorizar sinais e sintomas, e de fatores causais a ela associados para instituir uma terapêutica, na medicina chinesa observa-se a totalidade dos aspectos físicos e emocionais que compõem o 'padrão de desarmonia' para descrever um desequilíbrio, que, por ser processual, permite ao terapeuta antever o desenvolvimento de uma 'doença'. O raciocínio clínico, nessa racionalidade, não segue uma lógica de causa e efeito, segundo a qual A causa B, mas sim busca as relações entre A e B.

A categoria Shen, na dimensão doutrina médica da medicina clássica e tradicional chinesas, é vista como determinante dos processos de desequilíbrio e cura. Atuante na vida humana desde a concepção até a morte, pode ser vista como uma espécie de regente dos processos corporais, como ressaltam Larre e De La Vallée (1995, p.5): "Atividade humana, do começo ao fim ... é dirigida pelo Espírito. A qualidade de vida e a plenitude de nossos anos são asseguradas somente pela associação com ele. Nós devemos, portanto, lembrar que a raiz da vida está no Espírito".

Yamamura e Tabosa (2000, p.18) propõem uma nova concepção de Shen, ao traduzi-lo como 'mente' e defender que seus distúrbios são de grande importância na gênese das 'doenças'. Os distúrbios podem ter origem remota, como traumas ou rejeição intra-uterinas e infantis, ou advindos de sobrecargas emocionais ao longo da vida, mas todos refletem decisivamente sobre o processo de adoecimento, levando ao 'desejo inconsciente' de adoecer ou morrer, o que torna turvo o Shen. Destacamos, nessa nova concepção proposta para Shen, a introdução de elementos do pensamento da medicina ocidental contemporâneo ('desejo inconsciente', por exemplo).

Nas diferentes concepções de Shen aqui apresentadas, percebe-se que na dimensão doutrina médica ele relaciona-se às *causas* de desequilíbrio, uma vez que interfere no estado emocional, considerado pela medicina chinesa importante motivo de desarmonia. Shen estaria também relacionado à possibilidade de 'cura', pois pode atuar no funcionamento de toda a dinâmica corporal, pela interferência emocional no funcionamento de órgãos e vísceras.

Shen na diagnose

Na prática médica chinesa o terapeuta, ao observar o paciente, avalia sua forma de andar, sentar, falar sobre seu problema, o brilho (ou não) que tem no olhar, expressão facial, a forma como aborda suas questões mais subjetivas – todos esses elementos são sinais para avaliação de Shen.

Para Maciocia (2005) três aspectos distintos devem ser considerados na avaliação e observação do Shen (que ele traduz como 'espí-

rito'): "a corporificação do espírito, a vitalidade do espírito e o lustro (ou brilho natural) do espírito" (p.28)

Por 'corporificação do espírito', entende a manifestação física externa deste, expressa na compleição física, musculatura, expressão facial, olhar, movimentos e reflexos corporais. 'Vitalidade do espírito', para o autor, é a vitalidade geral de uma pessoa, manifestada no vigor mental, tom de voz, ritmo respiratório, clareza de pensamentos. Por 'lustro do espírito' entende como o espírito está refletido na cútis, nos cabelos e nos olhos, dando brilho e vigor. A normalidade desses parâmetros teriam como significado clínico o bom funcionamento de órgãos e vísceras e de Qi, Xue, Yin e Yang, elementos importantes na dinâmica vital da medicina chinesa (p.28-31).

O autor classifica, ainda, o 'espírito' como forte, fraco ou falso. O primeiro teria boa corporificação, vitalidade e lustro e daria um bom prognóstico no caso de doenças. O 'espírito fraco', ao contrário teria esses parâmetros comprometidos, significando danos à fisiologia corporal, tendência a desequilíbrios físicos e emocionais e, no caso de doença, prognóstico duvidoso. O 'espírito falso' surgiria no curso de uma doença crônica e grave, quando o paciente subitamente parece alegre e revitalizado – recupera o apetite, fala, quer ver familiares etc. – sem ter passado por um período de restabelecimento gradativo; isso seria um péssimo prognóstico, sinal de morte iminente (Maciocia, 2005, p.29-31).

Fica, portanto, claro o papel de Shen na diagnose, ao refletir a condição do funcionamento interno de órgãos, vísceras, Qi, Xue e Jing.

Shen na terapêutica

Eyssalet (2003, p.247) declara que Shen "num plano terapêutico é a força criadora do paciente, a qual ele precisa mobilizar no sentido da cura. O tratamento é inútil sem a conivência do Shen do paciente". A afirmação pode aludir à idéia de correlação entre Shen e Jing (Essência) como determinante da forma e da constituição corporal: Shen direcionando Jing no sentido de uma constituição forte ou fraca, por sua vez determinante no processo terapêutico. Pode aludir, ainda, à relação de Shen com os Zang-Fu através dos aspectos do primeiro (Po, Hun, Yi e Zhi), determinando as funções orgânicas e suas possibilidades terapêuticas no caso de desarmonia.

Jarret (2003) propõe uma intervenção terapêutica focalizada em Shen. O autor tem se dedicado ao estudo da medicina chinesa, buscando em seus textos tradicionais explicações e condutas práticas que valorizem mais a dimensão subjetiva de cada paciente. Pretende recuperar a denominada *inner tradition* (tradição interna): "A tradição da medicina chinesa, cujo foco terapêutico primário é ajudar o paciente a cumprir seu destino pessoal" (p.xxi). Além de uma

⁵ Também descritos por J. R. Worsley em livro chamado *The spirit points*, com lançamento previsto para 2007, segundo informação de sua escola The Worsley Institute of Classical Five Element Acupuncture. Até a revisão deste artigo, no entanto, não havia sido publicado.

⁶ Os canais divergentes ou distintos seriam em número de 12 e se originariam nos canais principais. Têm a função de transportar Qi e Xue para a cavidade tóraco-abdominal, a cabeça e as regiões nas quais os canais principais Yin e Yang não são distribuídos (Yamamura, 1993, p.395).

leitura diagnóstica cuidadosa para instituir terapêutica particular, propõe pontos específicos de meridianos, os chamados *spirit points*⁵, com funções específicas de interferência em Shen, o que, segundo o autor, pode ser determinante no desenvolvimento terapêutico (p.292).

Yamamura (2000, p.18) relaciona uma via de meridianos, os “canais distintos ou divergentes”⁶, que veicularia Shen. No caso de sofrimento emocional, Shen estaria comprometido e chegaria ‘turvo’ aos órgãos e vísceras, danificando suas funções. Propõe então um esquema terapêutico, que acionaria esses meridianos na intenção de melhorar a função de Shen e, com isso, tratar problemas corporais causados por traumas emocionais. Entendemos aqui que, além de situar Shen na dimensão terapêutica, Yamamura o situa na dimensão da dinâmica vital, ao propor uma rede de movimento para Shen.

Zheng-Cai (1999, p.117) propõe que a terapêutica deve levar em conta os supostos “movimentos de Shen”. Segundo essa teoria, Shen circularia pelo corpo obedecendo uma seqüência de anos, dias e horas e fixando-se em áreas definidas. Aquelas que receberiam Shen não deveriam ser agulhadas nesses períodos, sob pena de comprometer o efeito terapêutico. Essa proposição insere Shen na dimensão terapêutica, mas também na dinâmica vital, já que, como Yamamura, Zheng-Cai também propõe um ritmo de movimento para Shen.

Conclusão

A presença e a relevância da categoria Shen nas seis dimensões da medicina chinesa contribuem para a sua estruturação como sistema médico complexo. Entender essa categoria de forma fragmentada pode comprometer o desenvolvimento da medicina chinesa enquanto uma racionalidade médica.

A tendência da medicina chinesa contemporânea de validar sua teoria à luz da medicina científica ocidental acaba por excluir a categoria Shen das dimensões cosmologia, doutrina médica, dinâmica vital e terapêutica, deixando-a, de forma transfigurada, apenas na dimensão diagnose e limitando-a a um aspecto da psique e da neurologia.

Conhecer a total abrangência da categoria Shen pode levar a uma maior aproximação entre terapeuta e paciente, a melhores resultados terapêuticos e, consequentemente, a um aprimoramento da prática da medicina chinesa, especialmente da acupuntura, nos serviços de saúde.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Barsted, Dennis W.V.
Linhaires
2003

Birch, Sthepen J.; Felt,
Robert L.
1999

Camargo Jr., Kenneth
Rochel
1995

Ellis, Andrew; Wiseman,
Nigel; Boss, Ken
1989

Eyssalet, Jean-Marc
2003

Granet, Marcel
1997

Jarret, Lonny S.
2003

Jarret, Lonny S.
2000

Kaptchuk, Ted J.
1983

Larre, Claude S.J.; de
La Vallée, Elizabeth
Rochat
1995

Luz, Madel Therezinha
2003

Luz, Madel Therezinha
2000

Maciocia, Giovanni
2005

Maciocia, Giovanni
1996a

Maciocia, Giovanni
1996b

Porkert, Manfred
1974

Unschuld, Paul U.
1998

Unschuld, Paul U.
1985

Wilder, George D.;
Ingram, J.H.
1974

Wu Ji o Vazio Primordial, a cosmologia daoísta e a medicina chinesa.
Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social,
Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Understanding acupuncture.
London: Churchill Livingstone.

Racionalidades médicas: a medicina ocidental contemporânea.
Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.7, p129-137.

*Grasping the wind: an exploration into the meaning of Chinese
acupuncture point names.* Massachusetts: Paradigm Publications.

Shen ou o instante criador.
Trad. Gilson B. Soares. São Paulo: Gryphus.

O pensamento chinês.
Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.

The clinical practice of Chinese medicine.
Massachusetts: Spirit Path Press.

Nourishing destiny: the inner tradition of Chinese medicine.
Massachusetts: Spirit Path Press.

The Web that has no weaver: understanding Chinese medicine.
Chicago: Contemporary Books.

Rooted in spirit: the heart of Chinese medicine.
New York: Station Hill Press.

*Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades
médicas e atividades corporais.* São Paulo: Hucitec.

Medicina e racionalidades médicas: estudo comparativo da medicina
ocidental contemporânea, homeopática, tradicional chinesa e
ayurvédica. In: Canesqui, A.M. (Org.). *Ciências sociais e saúde para o ensino
médico.* São Paulo: Hucitec.

Diagnóstico na medicina chinesa, um guia geral.
Tradução de Maria Inês G. Rodrigues, São Paulo: Roca.

*A prática da medicina chinesa: tratamento de doenças com acupuntura e
ervas chinesas,* Trad. Tânia Camargo Leite. São Paulo: Roca.

*Os fundamentos da medicina chinesa: um texto abrangente para
acupunturistas e fitoterapeutas.* Trad. M.D. Farber. São Paulo: Roca.

The theoretical foundations of Chinese medicine.
Massachusetts: The MIT Press.

Chinese medicine.
Massachusetts: Paradigm Publications.

Chinese medicine: a history of ideas.
Berkley: University of California Press.

Analysis of Chinese characters.
New York: Dover Publications.

Worsley, Jack R.
1998 *Classical five element acupuncture*, v.3: The five elements and officials.
London: J.R.&J.B. Worsley.

Yamamura, Ysao; Tabosa,
Angela
2000 *Nova concepção dos canais de energia distintos (Meridianos Distintos).*
Revista Paulista de Acupuntura, São Paulo, v.6, n.1, p.17-20.

Yamamura, Ysao
1993 *Acupuntura tradicional: a arte de inserir.*
São Paulo: Roca.

Zheng-Cai, L. et al.
1999 *A study of daoist acupuncture.*
Colorado: Blue Poppy Press.

Recebido para publicação em maio de 2006.

Aprovado para publicação em agosto de 2006.